

Apresentação

Estudos Teológicos n° 2 aborda dois eixos temáticos principais, quais sejam: a espiritualidade e a violência-agressividade.

I — Espiritualidade: Todo envolvimento sério com esta temática, por menor que seja, põe a descoberto de imediato as enormes lacunas que têm as igrejas e teologias nesta área. É por isso mesmo que nos últimos anos escreveu-se muito sobre ação do espírito e espiritualidade. Já só a atenção que tem merecido a temática não deixa de ser, simultaneamente, um sintoma. As faculdades de teologia talvez sejam, inclusive, lugares por excelência para as crises de espiritualidade. O estudo de teologia, pela sua própria natureza desinstaladora, desafiante e inovadora, contribui substancialmente para que espiritualidade não “sossegue”, mas continue “vento impetuoso” e “fogo ardente” (At 2.1-4). Isto traz, é verdade, muitos problemas, muita dúvida, mas — graças a Deus — também muita bênção.

Dentre estas muitas bênçãos, cabe destacar, sobretudo, uma série de redescobertas da atuação do espírito em áreas e sob formas que já havíamos esquecido ou relegado a planos secundários. Talvez o maior de todos os resgates teológicos nesta área constitui a descoberta de que a dissociação entre espiritual e material não é correta nem bíblica: o espírito nunca quis resgatar uma alma para deixar morrer o seu corpo. Isto é pensamento grego. Na Bíblia o espírito não se opõe à matéria ou corpo, e sim, à morte e destruição (Rm 8.1-11). Por isso também Paulo não afirma em Filipenses que ao corpo de humilhação seguir-se-á uma alma radiante, e sim, que este será substituído por outro corpo, de glória (Fp 3.21). Assim sendo a função do espírito não é de separar-nos de nosso corpo ou matéria, e sim, de levá-los a sua perfeição e glória!

Mas isto representa meramente um exemplo entre outros tantos que poderíamos arrolar. Será casualidade que no AT (Is 32.15ss) e NT (Rm 8.18ss) a salvação do meio ambiente vem intimamente relacionada com a ação do espírito? E não terá a falta de um testemunho corajoso de denúncia por parte das igrejas sua razão no fato de terem estas negligenciado sua função profética, uma função, aliás, estreitamente ligada à ação do espírito (Jo 16.7-11)? E o que dizer da riqueza carismática das igrejas primitivas (1 Co 12-14; Rm 12.3ss, etc.), em comparação ao nosso formalismo e ritualismo de fé? Teria o espírito se apagado em nosso meio, teríamos nós inibido sua atuação (1 Ts 5.19)?

Estas perguntas poderiam continuar... Sua quantidade só mostra o quanto temos que penitenciar e recuperar nesta área. É bem dentro desta tarefa de resgate da ação do espírito que podem ser compreendidas as quatro contribuições sobre espiritualidade neste caderno:

Carlos A. Dreher: "Reflexões acerca da Prática da Espiritualidade".

Sua abordagem parte especialmente de sua prática como pastor, professor na EST e assessor bíblico. Tematiza o assunto a partir da dialética entre ação e contemplação, inspirando-se no texto sobre Maria e Marta (Lc 10.38-42).

Richard H. Wangen: "Reflexões sobre Espiritualidade na Comunidade".

Richard parte de uma definição abrangente de espiritualidade para destacar, a seguir, como esta dimensão da fé pode concretizar-se dentro da vida comunitária de oração, ação, culto e celebração de sacramentos.

Marlon R. Fluck: "Espiritualidade e Cotidiano".

Este estudo procura abordar a temática historicamente, concentrando-se no exame do assunto a partir da espiritualidade vivida pela comunidade cristã morava de Herrnhut (século XVIII), finalizando com uma apreciação dos desafios que a concepção pietista de Herrnhut lança para o cristianismo hodierno.

Martin N. Dreher: "Espiritualidade e História".

O autor procura destacar, sobretudo, o elemento de gratuidade encontrado na espiritualidade e o fato de que esta representa não somente um bem que compete construir, mas simultaneamente uma herança que compete preservar e atualizar. Procura demonstrá-lo apresentando a vida do pastor J. J. Zink (1844-1918).

II — Violência-agressividade: Não há pessoa que lida seriamente com teologia na América Latina, que não tenha se envolvido com essa temática. Não precisamos, pois, nos delongar a respeito. Seja-nos permitido, tão-somente, apontar para dois fatos intrigantes:

Primeiro: A América Latina aprendeu a comemorar com muito alarde e pompa as revoluções dos outros, não as suas próprias. Exemplo flagrante: as comemorações pela passagem dos 200 anos de Revolução Francesa ano passado. Por que nossos meios de comunicação não prestigiam também revoluções latino-americanas como as de Cuba ou Nicarágua, que pagaram e ainda pagam até hoje um preço altíssimo em forma de sanções e bloqueios? Por que entre nós as revoluções quando são de direita e incrementam o capitalismo aparecem com ares de legítimas, mas quando são de esquerda e defendem o socialismo sugerem coisa suja e vergonhosa? Por que só olhamos o cisco no olho de nossos irmãos socialistas, e não mais conseguimos enxergar as traves existentes dentro do nosso próprio sistema, o "capitalismo real" (Mt 7.3)?

Segundo: Causa muita estranheza o forte ativismo teológico encontrado contra a violência revolucionária em contraste com a grande permissividade encontrada frente à violência ordinária, em forma das leis e estruturas sociais, dentro das quais precisamos aprender a viver e a nos virar. O próprio governo na pessoa do seu ex-presidente, José Sarney, afirmou taxativamente representar a situação social no Brasil uma "vergonha nacional". Terão legitimidade de falar contra a violência revolucionária uma pessoa ou grupo que não estejam visivelmente comprometidos na transformação radical dessa situação por outros meios? E terá legitimidade para falar assim

quem — pessoalmente — não sente o que é violência institucionalizada, o que é ganhar um salário mínimo cada vez mais achatado por um governo que pregou libertação aos “descamisados”? Suspeitamos novamente que a violência revolucionária só é boa e legítima quando feita em favor de certos governos e certos sistemas...

Os dois artigos que exploram a questão são:

Walter Altmann: “Recurso à Violência e Transformação Social”, e
Wilhelm Hüfmeier: “Agressividade: uma Perspectiva Teológica”.

Walter oferece um estudo do tema dentro da teologia da libertação, distinguindo o que une os seus teólogos, daquilo que neles é o variável e pluriforme. Ao final oferece uma reflexão sobre as mudanças no Leste europeu e a teologia da libertação.

Wilhelm propõe-se a uma análise da “agressividade” a partir do testemunho bíblico do AT e NT. Constata que a “agressividade” representa uma perspectiva bíblica, havendo, contudo, necessidade de ser transformada de destrutiva em construtiva.

Como último artigo para este número apresentamos uma contribuição enviada pelo ex-professor da EST, *André Droogers*: “O Tempo, o Poder e a Religião”. Aí são abordadas as relações existentes entre a História Eclesiástica e a Antropologia da Religião, sobretudo no que concerne aos aspectos do “popular”, da necessidade de abordagens abrangentes (= holísticas) e da dialética entre transformação e processo.

Correspondência: Recebemos correspondência de Harding Meyer, com apreciação crítica do artigo de Gerhard Tiel sobre a ecumenicidade da Federação Luterana Mundial (= *Estudos Teológicos*, 29(3):237-254, 1989), à qual agradecemos e anexamos ao final da revista. Também em anexo apresentamos a réplica de Gerhard Tiel às críticas efetuadas. Reafirmamos aqui nossa satisfação por essa correspondência, de vez que reações de leitores/as incrementam o diálogo crítico; e a criticidade faz avançar a causa comum que, afinal, é de todos.

Os redatores